



Mídia-educação e a experiência de oficinas no ambiente escolar como forma de Inclusão: Recursos de Plataformas Comunicacionais e Multimídia Interativa na área de WebRádio e WebTV

Marislei da Silveira Ribeiro¹
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este trabalho centra-se na área de Web Rádio e Web TV, com o intuito de promover a integração da universidade com escolas públicas e sociedade. Busca-se uma proposta de mídia-educação voltada para a construção de saberes, disseminados por meio das experiências diárias da comunidade acadêmica. A proposta, também consiste em desenvolver atividades a partir de questões de interesse dos alunos e dos professores, em uma perspectiva coletiva, reflexiva, criativa e interativa, envolvendo a apropriação das ferramentas na área das Tecnologias de Comunicação e Informação. Sendo assim, as mídias foram abordadas enquanto espaços educativos que auxiliam na produção de conteúdos, levando-se em conta as crianças, os adolescentes e os adultos, com ênfase nas pessoas com deficiência visual. As experiências realizadas nas escolas parceiras permitiram a socialização e a transmissão de ideias e de valores culturais.

Palavras-chave: Mídia; Educação; Experiências; WebRádio; WebTV.

1. Introdução

A Internet está mudando a esfera social. Todavia, o emprego de dadas tecnologias geram novos paradigmas que vão além da apropriação do uso de técnicas ou computadores conectados à Internet, englobando uma reflexão de como esses novos ambientes de multiplataformas influenciam o comportamento das pessoas.

¹ Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Famecos/PPGCOM-PUCRS. Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Curso de Jornalismo.

Sendo assim, o presente trabalho buscou utilizar os espaços educativos para concretizar práticas pedagógicas inovadoras que possibilitassem a todos os envolvidos realizar aprendizagens diferenciadas mediante programas radiofônicos e de TV via web, abertos, criativos e dialógicos, ao trabalhar os mais diferentes temas que poderiam agregar valor aos conteúdos desenvolvidos nos bancos acadêmicos. Também se pretende intensificar a consciência cidadã para atividades de responsabilidade social, oportunizando aos alunos uma compreensão da inclusão digital e da interatividade midiática.

Vale ressaltar que, com as experiências desenvolvidas, é possível perceber mudanças no aprendizado dos alunos. A amplitude da participação nas atividades, a apropriação das mensagens e o uso dos mais variados meios digitais e seus conteúdos, estimulam a integração e a socialização dos grupos, tanto alunos e professores integrantes do projeto, quanto a comunidade das instituições parceiras. Logo, o ensino através dos meios comunicativos e a utilização da mídia como linguagem promovem novas formas na educação formal, principalmente, quando os indivíduos pensam na coletividade e se tornam mais críticos.

Nesse sentido, as práticas confrontaram teorias estudadas, capacitando alunos e professores para atuar no campo da argumentação em benefício do bem comum, tornando-se capazes de participar das aceleradas transformações do mundo contemporâneo. Na nova configuração cultural, pretende-se obter aprendizagens não só personalizadas, mas também coletivas e permanentes, para que as comunidades virtuais facilitem a construção de saberes e o desenvolvimento de competências numa relação renovadora com o conhecimento.

Dessa maneira, o artigo tem o objetivo de apresentar o desenvolvimento da pesquisa e atividades que foram realizadas no Projeto de Extensão, contemplado por meio do programa de extensão do Ministério da Educação e Cultura/PROEXT MEC/SESu, nos anos de 2014, de 2015 e no primeiro semestre de 2016. Contudo, o caminho perseguido é uma discussão ampla sobre a mídia-educação, como uma forma didática e, também, uma possibilidade de integrar várias tecnologias e plataformas midiáticas no ambiente escolar.

2. MÍDIA E EDUCAÇÃO

Uma das grandes mudanças ocorridas nestes dois últimos séculos no mundo refere-se ao fenômeno midiático. Considerando a mídia como tema de reflexão, verifica-se que, além de estarem presentes em nosso cotidiano, as mesmas constituem-se pautas e discussões de interesses coletivos.

Segundo Lopes e Miani (2015), a inter-relação entre mídia-educação é constituída como a norteadora do processo de recepção, cuja esfera e discussão são permanentes, visto que se refere à formação cidadã dos sujeitos envolvidos.

Primeiramente, as autoras relatam que o termo teve início nos encontros da UNESCO em 1973, referindo-se a capacidade de ensinar o uso dos meios de comunicação na esfera escolar. Após essas discussões, outras dimensões foram tratadas, enquanto um campo interdisciplinar e como prática social. Contudo, a ideia consiste em propor a formação de sujeitos críticos e ativos diante dos meios de comunicação.

Tal busca pressupõe o entendimento do receptor enquanto ser histórica e culturalmente inserido em um grupo social, que participa de diversos processos comunicativos e é dotado de uma visão de mundo. Sua posição é ativa na sua relação com mensagens midiáticas, podendo inclusive reelaborá-las e confrontá-las (LOPES; MIANI, 2015, p. 561)

Assim, as práticas midiáticas configuram-se como um ato de troca e de negociação das informações, pois atuam como agentes do diálogo e da mediação com seus públicos. Na esfera da educação, agem como prática pedagógica dos professores, com o intuito de transmitir, propagar conhecimentos, competências e habilidades dos alunos. Dessa forma, no campo da comunicação digital, “as novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano” (SETTON, 2011, p. 91).

Por essa linha de pensamento, a proposta é de um aprendizado contínuo, com o desenvolvimento de uma atitude ativa dos receptores por meio de canais alternativos de comunicação, ou seja, via articulação dos aspectos teóricos do campo da mídia-educação, integrado aos fatos observáveis no decorrer das ações de campo. No entanto, torna-se necessária a apropriação das mídias, seus códigos, linguagens, ferramentas e técnicas.

3. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: PLATAFORMAS DE APRENDIZADO NAS MÍDIAS DIGITAIS

3.1 OS DESAFIOS DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE ESCOLAR

A inclusão escolar de indivíduos com qualquer tipo de deficiência, seja física ou mental, apresenta diversos desafios e complexidades. Inclusão, como comenta Carvalho (2009), é a possibilidade de acesso, de ingresso e de permanência de um aluno com aprendizagem real, resultando, portanto, em atribuições de conhecimento e desenvolvimento de habilidades, não representando apenas o aumento do número de matrículas, traduzidas estatisticamente em vagas para alunos com deficiência nas turmas de ensino regular.

Ainda, de acordo com Carvalho (2009), são três os pontos que devem ser analisados quando nos referimos à educação inclusiva: primeiro devem ser analisadas as políticas educacionais nas quais estão inclusas o método integrador e a qualidade da oferta educativa, além de questões organizacionais, como a administração do sistema adotado e a administração do atendimento educacional; depois devem ser analisadas as recomendações internacionais; em terceiro lugar, deve ser investigada a opinião dos deficientes em questão e de suas respectivas famílias.

As políticas educacionais de cada país variam de acordo com o seu desenvolvimento social e cultural. Elas representam a regulamentação de práticas educacionais conforme a ideologia vigente. Segundo Carvalho (2009), as instituições de educação privadas, que seguem o modelo neoliberal de organização social, têm uma estrutura de melhor qualidade para o atendimento nessa área, enquanto determinados municípios do Brasil não têm sequer espaços destinados a pessoas com deficiência em suas escolas. Quando um município dispõe dos recursos para o atendimento ao aluno deficiente, não há oferta equitativa para todas as variações de deficiência, podendo, por exemplo, estar apta a receber um aluno com deficiência física, mas não um aluno com deficiência mental.

Considerando-se que as ofertas de serviços, governamentais ou não, estão longe de suprir nossa demanda, podemos reunir os desafios citados num único e complexo obstáculo que exige urgentes soluções: dispor, em todas as localidades, de ofertas educativas para todas as modalidades de manifestação de deficiência, seja sob a responsabilidade direta do poder público governamental seja da iniciativa particular (CARVALHO, 2009, p. 106).

Nessa perspectiva, a questão quantitativa da oferta não corresponde à demanda e a questão qualitativa também é considerada um desafio. O processo de ensino-aprendizagem não tem a garantia de qualidade, que varia desde a falta de uma estrutura adequada até a especialização de profissionais. O ambiente escolar representa, para muitos alunos, a única oportunidade de acesso ao conhecimento e à apropriação da norma culta. A escola deveria, conseqüentemente, proporcionar o desenvolvimento intelectual do indivíduo e contribuir para a sua criticidade. Esses são alguns dos valores que a educação inclusiva propõe.

Outro ponto analisado por Carvalho (2009) são as etapas do fluxo de escolarização, ainda muito discutidas no âmbito da educação especial. Nesse aspecto, avalia-se a barreira existente desde a educação infantil até a universidade, a qual, de acordo com a autora, não deveria existir, visto que tais barreiras atrasam o processo educativo. Os conceitos integração e inclusão também geram controvérsias entre os educadores. Integração representa o envolvimento de pessoas com deficiência na comunidade de pessoas que não possuem deficiência. “A integração é um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica em reciprocidade” (CARVALHO, 2009, p. 111).

Já a inclusão, diferentemente, é o espaço designado para receber os indivíduos com algum tipo de deficiência, como escolas aptas a colher alunos deficientes ou ambientes adaptados para o mesmo fim. Em vista disso, no Brasil, as práticas inclusivas pedagógicas ainda apresentam inúmeros desafios, pois muitos dos educadores não se sentem aptos para atender aos diferentes grupos de pessoas com deficiência.

3.2 O USO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS COMO FORMA DE INCLUSÃO

A comunicação é uma das áreas de maior influência na organização social. Ela permite a construção das sociedades como as conhecemos hoje e possibilita que essas

sociedades sejam preservadas através da comunicação. Na atualidade, o uso do ciberespaço como mais um meio comunicacional aumenta a abrangência das trocas de informação.

(...) com o surgimento de tecnologias que possibilitaram a comunicação à distância, desde a escrita até mais recentemente a internet, surgem novas formas de sociabilidade onde não mais é preciso estar face a face para interagir com outras pessoas. Como consequência, pode-se dizer que a representação do corpo e suas significações também se alteram, quando se trata deste novo espaço. Nesse cenário, onde novas formas de comunicação estão surgindo e possibilitando também novas maneiras de sociabilidade, a internet surge como importante meio de intensificação deste processo, pois as interações que emergem no ambiente virtual, tornam-se cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade (BALDANZA, 2014).

Assim, o surgimento desse novo espaço de plataformas digitais com novos recursos tecnológicos tornou possível o processo de inclusão. Isso porque as diversas mídias digitais estão inseridas no cotidiano das pessoas, especialmente, no dia a dia escolar. Ao trabalhar com as mídias, os professores possibilitam a aprendizagem e contribuem para a formação cidadã dos alunos.

Cabe salientar que a crescente digitalização das informações fez com que a informática criasse novas adaptações para seu uso e, por consequência, aumentasse o número de indivíduos que podem se apropriar dessas ferramentas. Um dos fatores que impulsionam o crescimento da utilização de aparelhos digitais para o fim de comunicação é o estímulo de concorrência do mercado, gerando produtos com custos diversificados, desde baixos até altos valores e com adaptações que suprem as necessidades particulares de cada indivíduo.

As ferramentas de comunicação e interconexão abrem um leque de oportunidades, principalmente, para os sujeitos cujos padrões de aprendizagem não seguem os quadros típicos de desenvolvimento. Os estudos mostram que pessoas limitadas por deficiências não são menos desenvolvidas, mas sim se desenvolvem de forma diferenciada. Desse modo, há possibilidades dos ambientes virtuais poderem ser assumidos como recursos para o desenvolvimento, a interação e a inclusão digital/social de pessoas com necessidades educacionais especiais – PNEEs (COSTI, 2002).

Partindo dessa premissa, a utilização da WebRádio e da WebTV, enquanto ferramentas de interação, amplia o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos que fazem uso dessa experiência na sua prática comunicacional. A dimensão dialógica desses dois

meios é representada pela sociabilidade desterritorializada do espaço virtual, ou seja, o espaço físico que se associa ao corpo não é essencial nesse processo e isso faz com que as limitações físicas e de sentido não sejam obstáculos na comunicação.

4. WEBJORNALISMO – UMA FERRAMENTA ALTERNATIVA DE COMUNICAÇÃO

O webjornalismo exige atualização contínua do profissional na era da informação instantânea e da convergência midiática, em virtude de que qualquer fato novo pode ser inserido em tempo real. Desta forma, o gênero webjornalismo possibilita atualizações constantes. A propagação do webjornalismo, enquanto novo gênero jornalístico, pressupõe a criação de técnicas de pesquisa e apuração adequadas aos limites do ciberespaço (MACHADO, 2001, p. 1). Logo, surgem novas formas de produção jornalística que obrigam profissionais a se adaptarem com a linguagem das redes.

Com base nisso, o jornalismo na web passa por algumas fases importantes. Primeiro, as redes são utilizadas como ferramenta auxiliar para a produção de conteúdo para os meios tradicionais como televisão e impresso. Na segunda fase, todas as etapas de produção jornalística estão intrínsecas às fronteiras do ciberespaço – incluindo a pesquisa, a apuração e a circulação do conteúdo (MACHADO, 2001, p.3).

Dessa forma, percebe-se a mudança de paradigma a partir das iniciativas empresariais em relação aos seus editoriais pensados com exclusividade para a Internet. Tal situação ocorre através de portais de cunho jornalístico que exploram, com mais precisismo, as potencialidades que são disponibilizadas na rede, tendo-se aí o webjornalismo.

Para isso, necessita-se do entendimento de algumas características do webjornalismo, enquanto elemento diferenciado e produtivo para veiculação da notícia. Dentre elas, apresenta-se a interatividade como uma das formas de trazer o seu leitor/espectador para ser parte integrante do processo de construção do fato noticioso, mediante a participação ativa do espectador, como a troca de e-mails entre leitores e jornalistas (PONTES, 2009).

No que tange à convergência midiática, apresenta-se um fator de integração das redações em que se possui o impresso, o on-line e o rádio e a TV, visto que ocasiona um

elevado critério em relação a responsabilidades de trabalho. O resultado desse processo acelerado tende a constituir um novo perfil do profissional da comunicação.

Além disso, as empresas de comunicação também se moldaram. Para Canavilhas (2004), num contexto global, a indústria da informação começa a investir em informática e em softwares de edição que lhes permitem trabalhar de uma forma mais ágil e eficaz, variando, assim, as formas de linguagem.

Ainda que exista um contraste entre produzir informação e produzir jornalismo, é necessário ressaltar que cada vez mais o cidadão é equipado de ferramentas para disseminar informações, atuando de alguma maneira semelhante ao campo do jornalismo. Por fim, o movimento da web se propaga, visto que não exige do jornalista uma publicação impressa e há uma desintegração da escrita tradicional.

5. A RÁDIO NA ESCOLA COMO FORMA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Plataforma de comunicação que rompe o monopólio, a WebRádio está inserida no novo contexto de mídias digitais. Com o advento da Internet, o público de interação em um veículo antes restrito a pessoas da terceira idade, agora, integra diversos públicos, uma vez que se possibilita criar um campo de construção de debates, tornando o rádio acessível aos mais diversos públicos.

O público que passa por uma rádio no formato audiocast pode tornar-se assíduo e usufruir de um canal em que ele possa interagir para solucionar suas dúvidas e assim adquirir mais informações dentro dos temas que envolvem seus interesses. Formando-se relacionamentos sociais a partir de atrativos comuns em uma "remixabilidade colaborativa" (termo cunhado por Barb Dybawd), termo aqui perfeitamente adequado quando usado na fase digital, pois, no seu início, remixar era um procedimento usado com simples na música pop (PRADO, 2011, p. 130).

Tendo em vista que o público na web é infinitamente maior, não fica limitado a um localismo, regionalismo ou nacionalismo. Assim, há uma facilidade para o ouvinte baixar o programa e escutá-lo em qualquer tipo de aparelho, seja um celular ou tocador de mp3. Há também a facilidade de se criar uma WebRádio. Enquanto para criar uma

rádio convencional são necessárias autorizações e concessões, para a criação de uma rádio online não é preciso nada disso.

A interatividade e a portabilidade sempre fizeram do rádio o veículo mais próximo do ouvinte. A internet deve ajudar nessas características para que o rádio continue vivo. Mesmo que o rádio digital brasileiro não saia do papel, a digitalização antecipada pela internet continuará a provocar mudanças significativas na linguagem, nas formas de emissão e recepção, e também em toda a cadeia produtiva do antigo veículo. Cresce o consumo de conteúdos de rádio em aparelhos e suporte digitais. Urge concluir o ciclo e digitalizar a transmissão e a recepção aberta, para que o rádio ingresse definitivamente na era da informação (ALMEIDA; MAGNONI, 2010, p. 436).

Com isso, a revolução tecnológica força a reinvenção das plataformas midiáticas sem que a sociedade abra mão dos tradicionais veículos de comunicação. Não só tornou o cenário de comunicação mais amplo, como também modificou a maneira de se comunicar. Vê-se aí a construção de uma nova identidade: há maior facilidade de se comunicar em uma nova linguagem. Com a influência da Internet na construção de outro modo de se comunicar, o rádio viu a necessidade de ocupar esse espaço para dialogar com a população. A relação não se deu entre público e veículo, mas pelo contrário, quando o rádio percebeu a importância também em migrar para a Internet.

O rádio não é mais o primeiro veículo a dar a informação. A internet é tão instantânea quanto o rádio, e atualmente há uma tendência de aumento do número de pessoas que se informam primeiramente pela web. Dessa forma, algumas rádios abertas começam a apostar em outra característica para compensar a concorrência do jornalismo digital (ALMEIDA; MAGNONI, 2010, p. 439).

As discussões e os debates realizados através de uma rádio tradicional ou web dentro do ambiente da escola na rede pública transformam não somente a comunidade escolar, mas também os moradores do bairro. Desta maneira, diversos assuntos, como o combate à violência e às drogas, entre outros temas que envolvem as demandas da comunidade local, são cada vez mais frequentes nas discussões dos projetos desenvolvidos na escola, pois o ambiente é propício para a formação de cidadãos (AMARANTE, 2012, p. 64).

Vale ressaltar que a Internet não chegou para substituir o rádio, mas sim para facilitar o acesso e adequá-lo à nova era da informação. Em uma sociedade que está constantemente em transformação e com a globalização diminuindo as distâncias entre as culturas, os veículos de comunicação também se tornaram globais.

6. CENÁRIO DE PESQUISA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS PARCEIRAS E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Como metodologia alternativa, no desenvolvimento do projeto, executam-se atividades pedagógicas na área de WebTV e WebRádio, em uma escola que atende pessoas com deficiência visual. Isso permite a produção do conhecimento, especialmente, nas áreas da linguagem, códigos e suas tecnologias. Nesse contexto, busca-se confrontar os novos desafios – adaptando-se às exigências na educação inclusiva, ou seja, na formação do sujeito autônomo e crítico – no ambiente educacional.

Considerando que o trabalho vem sendo desenvolvido desde 2014, foi realizada primeiramente, uma parceria com a escola estadual Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Pelotas/RS. Sendo assim, foram executadas atividades para 288 alunos, de três séries (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Politécnico) e de oito turmas diferentes da escola pública, parceira do projeto. Num primeiro momento, foram feitas oficinas de Leitura e Produção Textual, Dicção e Oratória, cobertura dos eventos na escola. Entre eles, destacam-se: Festa Junina, Olimpíada da Matemática e Seminários Integrados.

Nas oficinas de Expressão Corporal, as atividades destinadas à consciência do próprio corpo foram organizadas com o intuito de elucidar posturas adequadas. Nos programas de WebRádio e WebTV, as pautas foram: “Violência contra Mulher”, “Trânsito”, “Discriminação” e “Direitos Civis na Internet”. Os referidos programas contaram com a presença de profissionais especializados nas temáticas em foco, estruturadas para estimular os alunos a analisar assuntos atuais e discuti-los em sala de aula, com a finalidade de produzir a inter e a transdisciplinaridade entre aluno e professor.

6.1 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA LOUIS BRAILLE

Com o intuito de incluir pessoas com deficiência visual no ambiente escolar, em 1946 foi idealizada a Escola Louis Braille, contudo efetivada apenas em 1952. Com o apoio da comunidade pelotense, recebe, ainda na sede da Biblioteca Pública, os primeiros alunos com esse tipo de deficiência. Hoje, a escola continua contando com o suporte

das entidades de classe, de universidades, de cooperativas e de profissionais dispostos a ajudar, tais como: médicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros (CARVALHO et al 2009, p. 56).

Atualmente, em seu prédio próprio, a escola em foco funciona em dois turnos, de modo que possa abranger os alunos que procuram a instituição, de diferentes faixas etárias, bem como estudantes da rede pública municipal e estadual. Além de atender pessoas com deficiência visual, a escola também recebe pessoas com outros tipos de limitações, como por exemplo, autismo (CARVALHO et al 2009, p. 56).

Em consequência disso, a proposta pedagógica da escola, além de integrar os alunos com deficiência visual à comunidade, busca o apoio das universidades e demais instituições de ensino, como forma de fortalecimento das habilidades cognitivas e de consolidação da aprendizagem dos indivíduos.

6.2 PROGRAMAS DE WEBRÁDIO E WEBTV E AS PROPOSTAS INTERATIVAS NO AMBIENTE DIGITAL NA ESCOLA PARCEIRA LOUIS BRAILLE

No início do ano de 2015, agregou-se ao projeto a temática de Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais. A partir do mês de fevereiro, foi incluída ao projeto a Escola Louis Braille, cujo histórico será apresentado no próximo subitem. Para Gil (2002, p. 63):

Após a formulação clara do problema e de sua delimitação, elaborase um plano de assunto, que consiste na organização sistemática das diversas partes que compõem o objeto de estudo. Construir um plano significa, pois, definir a estrutura lógica do trabalho, de forma que as partes estejam sistematicamente vinculadas entre si e ordenadas em função da unidade de conjunto.

No primeiro momento, foram realizados encontros semanais com a escola parceira Louis Braille, junto à equipe diretiva, pedagogos, assistente social e professores da instituição, cuja função é facilitar as práticas inclusivas. Diante disso, optou-se pela realização da pesquisa participante, como abordagem metodológica. Para Gil (1999), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo. Os observadores desempenham um papel ativo na coleta de dados, instrumentos e recursos.

Com base nisso, foi apresentada a proposta da criação de materiais audiovisuais e oficinas a serem desenvolvidas na escola.

Foram criados os seguintes programas: “A musicalidade como forma de ensino”, “Audiodescrição como forma de entretenimento através da exibição de filmes”, “Capacitação dos professores da rede regular de ensino sobre a linguagem Braille”, “Apoio pedagógico no ensino e aprendizagem” e “Rádio corredor”. Com relação às oficinas, foram ministradas técnicas de produção radiofônicas para os alunos com deficiência visual, por profissionais da área, junto com os alunos bolsistas, empreendendo a reativação da rádio interna da escola. Os programas são produzidos semanalmente durante o intervalo escolar, com o suporte técnico dos discentes do projeto, que escolheram o nome “Rádio Louis Braille FM”.

Em parceria com o Centro de Artes da UFPel, aplicaram-se oficinas Sensoriais, como "Desenho na Cozinha", "Flauta Transversal" e "Musicalidade". Nas atividades e apresentações por parte dos acadêmicos da Música e das Artes Visuais foi oportunizado, incentivado e estimulado os demais sentidos. Também, desde o início deste ano, está sendo desenvolvida a "RádioNovela" em parceria com a Rádio Federal FM Pelotas. Logo, na aplicabilidade das oficinas buscou o emprego da mídia-educação, como forma de expressão e de produção.

Para Martha Silva, professora da Escola Louis Braille "a oportunidade é ótima, principalmente, a parte das artes, em que eles têm uma sensibilidade maior do que, nós videntes, eles sentem mais, tem a audição, e todos os outros sentidos mais desenvolvidos, então conviver com a música e com as artes para eles é uma maravilha". Com relação à radioescola, a professora comenta que a "atividade religou a comunidade acadêmica, ao espaço educativo, pois os alunos começaram a ter consciência do que é uma atividade cultural, do que é mobilizar. Foi visível o entusiasmo e empenho dos participantes. Eles vencem a timidez e descobrem outros talentos". Como afirma Peruzzo (2015), a produção de mensagens radiofônicas, constitui-se um local de prática social transformadora.

Ao dinamizar as relações dos envolvidos no projeto, com os membros da escola, foi aberto espaço para outras atividades artísticas e culturais, como a oficina "Cultivo & Arte", na qual os alunos aprenderam sobre cultivo das plantas, cuidados e outras formas

de mantê-las. Essa oficina, contou com o apoio de alunos do curso de Agronomia da universidade.

Outro depoimento significativo foi o da vice-diretora da escola, professora Rosana Maria Soares Martins, segundo a qual "o projeto foi muito importante para a escola, principalmente para os nossos alunos. Eles puderam com esse projeto da WebRádio, aprender a se comunicar melhor, se posicionar, se expor". A dinâmica oferecida nas atividades, "contribuiu para reforçar a autoestima, o sentido do trabalho em equipe e as discussões sobre as mensagens da mídia geral, visto que os estudantes gostam de escutar rádios locais".

Dessa forma, como afirma Peruzzo (2015), a Mídia-Educação e a Comunicação Comunitária acontecem quando a comunidade se envolve voluntariamente na construção dos meios. Verificou-se que o trabalho de WebRádio, teve resultados expressivos, dando a oportunidade da criação de métodos inclusivos. Como relata o estudante Emanuel Gonçalves, 5º ano, "houve a participação espontânea e estímulos para potencializar nossas qualidades". Além de que as atividades que estão sendo desenvolvidas, principalmente, a Rádio Louis Braille, foram "planejadas e apresentadas pelos colegas". "Aprendemos as técnicas, a elaboração das ideias e as mensagens radiofônicas, comentando e divulgando os eventos da escola" (Patrick Farias Dias, 4º ano).

6.3 REGISTROS DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Com o intuito de ilustrar o registro das atividades realizadas, por meio do projeto de extensão em questão, seguem as figuras 01 a 02.



(FIGURA 01) – OFICINA DE ATIVIDADE SENSORIAL.
FONTE: PROJETO DE EXTENSÃO WEBRÁDIO E WEBTV (2016).



(FIGURA 02) – ACOMPANHAMENTO DA APRESENTAÇÃO DE "FLAUTA TRANSVERSAL" NO CENTRO DE ARTES.

FONTE: PROJETO DE EXTENSÃO WEBRÁDIO E WEBTV (2016).

Nesse sentido, com o material gerado nas atividades citadas, tornou-se possível a realização de um produto audiovisual. Para tanto, foi empregado um software por meio do qual, realizou-se a edição de vídeo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de diferentes atividades que buscam aprimorar uma educação inclusiva, pretende-se, com este artigo, divulgar as múltiplas possibilidades de aplicação das novas tecnologias a partir do projeto de extensão em foco. Todavia, já se podem apresentar algumas considerações. Espera-se que o trabalho desenvolvido tenha sido relevante, tanto para a universidade, quanto para a comunidade na qual está inserida, já que propiciou a aplicação de práticas pedagógicas interativas.

Segundo Lévy (1999), a multimídia interativa ajusta-se muito bem aos usos educativos, favorecendo o envolvimento pessoal do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem. À proporção que uma pessoa participa da construção de um conhecimento, ela integra e retém o que aprende. Além disso, esse tipo de multimídia contribui para a formação de uma atitude de exploração e ludicidade devido à facilidade de assimilação de conteúdos. Consequentemente, a WebRádio e a WebTV constituem ferramentas muito úteis a uma pedagogia ativa e de abordagem comunicacional.

Nesse contexto, a utilização dos recursos e das técnicas propiciou a interdisciplinaridade e a integração de várias áreas, mediante a orientação e colaboração dos professores. Assim, acredita-se que a aplicação da mídia-educação, reafirma a proposta de maior envolvimento dos alunos, professores e integrantes do projeto. Além disso, a proposta é conscientizar de que os meios de comunicação são construções coletivas, havendo a necessidade da participação dos todos.

Finalmente, com o resultado dessa experimentação, pretende-se ampliar e aprofundar as perspectivas de atuação dos alunos e docentes com uma visão mais abrangente, por meio da interface entre educação e mídia. Partindo dessas informações, a ideia é de que o recurso tecnológico é pedagógico e, o indivíduo passa a ter autoria na produção das mensagens. Sendo assim, é preciso ampliar o debate e refletir sobre a cultura e o

fenômeno das mídias, sobretudo às digitais. A intenção é convidar os atores envolvidos a fazer uma imersão nesse amplo, diverso e instigante campo de investigação.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antonio Francisco. F. Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao rádio jornalismo. In: FERRARETTO, L. A.; AMARANTE, M. I. **Rádio comunitária na escola: adolescente, dramaturgia e participação cidadã**. São Paulo: Intermeios, 2012.

KLOCKNER, Luciano. (Org.). **E o rádio?** Novos horizontes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BALDANZA, Renata. **A comunicação no ciberespaço**: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. UERJ. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63960297667367250954516430239393812902.pdf>>. Acesso: 15 jul. 2016.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

CARVALHO, Edler Rocha. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem: educação Inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CARVALHO, M. P. *et alli*. Atuação da fisioterapia em deficientes visuais. In: **HYGEIA Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, 5 (9), dez./2009, t.53-62. Disponível em <<http://www.hygeia.ig.ufu.br>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

COSTI SANTA ROSA, Lucila. Inclusão digital: espaço possível para pessoas com necessidades educativas especiais. **Revista Educação Especial**, 2002. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5065/3063>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: editora Atlas, 2002.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. In: 2º CONGRESSO DA SOPCOM. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2001.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, Mariana Ferreira; MIANI, Antonio Rozinaldo. Mídia-Educação e Histórias em Quadri-
nhos – Uma proposta de Alfabetização Crítica e Criativa na Linguagem das HQ com Estudantes
de 5 Ano. In: PERUZZO, C. M. **Comunicação Popular, comunitária e alternativa no Brasil**.
São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

PONTES, Renata Lopes. **Webjornalismo: Conceitos, Fases e Características**. XXXII CON-
GRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Curitiba, PR – 4 a 7 de se-
tembro de 2009.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RODRIGUES, Carla. **Jornalismo Online: modos de fazer (organização)**. Rio de Janeiro: Ed.
PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.